

AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E TERRITORIAIS DO BAIRRO DE APIPUCOS NA CIDADE DO RECIFE – PE: UMA CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA AOS CONCEITOS DE ESPAÇO E TERRITÓRIO.

Maria Rita Ivo de Melo Machado¹
Manoel Correia de Andrade

Introdução

Ao se fazer um estudo de bairro em uma cidade grande é interessante se indicar como ele se insere no território da cidade e quais as características de suas relações com a cidade e com os bairros vizinhos.

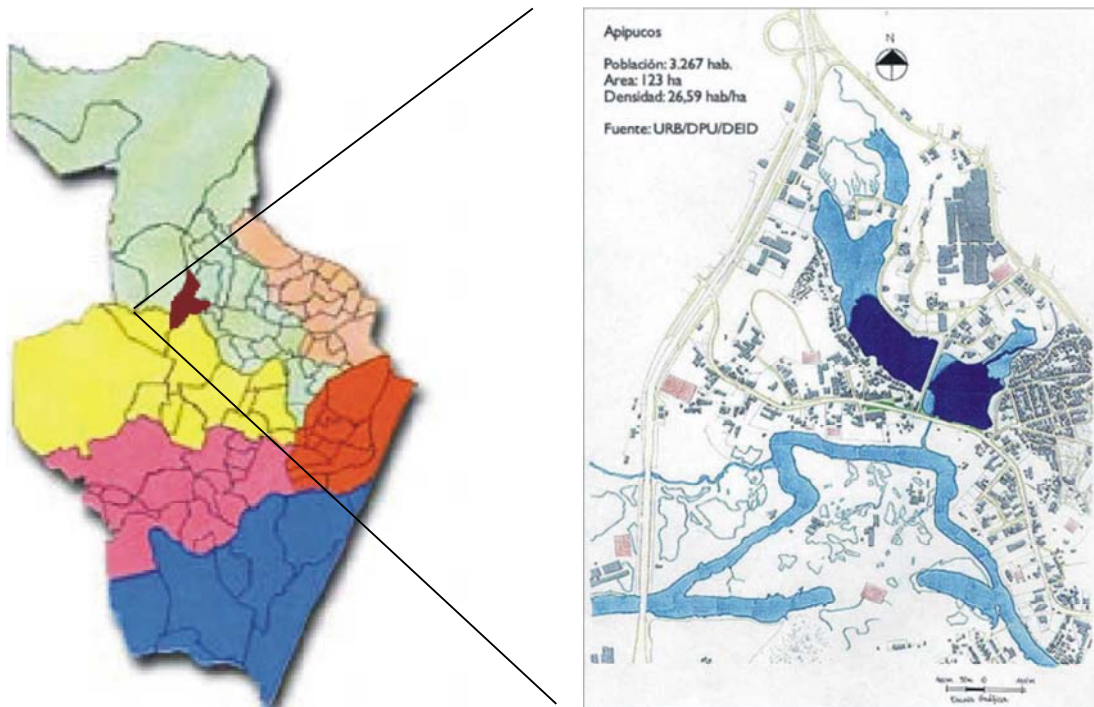
Assim, no caso de Recife, a cidade se formou e se estruturou por três séculos em torno de um núcleo formado por quatro bairros, o Recife, situado entre os rios Capibaribe e Beberibe e o oceano; nos de Santo Antônio e de São José que ocupavam a chamada Ilha de Antonio Vaz, depois de Santo Antonio e, mais ao oeste na Boa Vista. Estes 4 bairros formaram o núcleo inicial e, a partir deste núcleo, ela foi se estendendo para o norte, o oeste e o sul, por agregação ao referido núcleo de áreas antes rurais, ou áreas de mangues aterrados. Entre os bairros deste tipo teríamos inicialmente o de Santo Amaro, ao norte, os de Soledade, da Capunga e depois o do Derby ao oeste, e o da Cabanga, ao sul. Eles, com o adensamento da população e o aumento das facilidades de transporte, foram cada vez mais se incorporando ao núcleo. Os outros tipos de bairros foram os que surgiram nas planícies dos engenhos e canaviais e nas terras de massapé, como engenhos e em seguida pequenas povoações que se transformaram com o crescimento da população, a implantação de serviços, sobretudo comerciais e se transformaram em verdadeiras vilas, só se integrando ao núcleo, cada vez maior, nos séculos XIX E XX, depois da implantação dos transportes ferroviários – “maxombombas” e em seguida bondes de tração animal e elétricos e mais recentemente com os rodoviários. Neste caso estão ao Noroeste Casa Amarela, ao Oeste Apipucos e Dois irmãos e ao Sudoeste Afogados e Tejipto: Estes bairros que foram inicialmente chamados de povoados e vilas, passaram em seguida a se chamar de arrabaldes e finalmente de bairros, como os que compõem o centro urbano.

Descrição e localização do bairro

Localizado a noroeste do centro da cidade do Recife, numa área de transição da planície flúvio-marinha para o domínio de mares e conseqüentemente tendo o relevo

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO –UFPE.
E-mail: mariaritamachado@yahoo.com.br

bastante acidentado. O antigo engenho Apipucos, hoje bairro de Apipucos, tem algumas características peculiares que o diferencia dos demais bairros do Recife. Além da sua pitoresca história, casarios, mansões e casebres, o bairro tem apenas uma mínima parcela de seus moradores pertencentes à classe média, sendo então, o bairro, marcado pela maciça presença de duas classes antagônicas, a alta (elite empregadora) e a baixa (mão-de-obra barata).



Mapa da cidade do Recife e em destaque e no recorte o bairro de Apipucos.

Apesar da discrepância social entre essas classes, há alguns pontos em comum entre elas. O principal deles é a apropriação indevida do espaço público que mesmo se efetivando de formas diferentes, tem – teoricamente - a mesma justificativa, a melhoria na qualidade de vida. Essa posse do público é uma das causas responsáveis pela criação de duas territorialidades distintas (representadas pelo poder aquisitivo) a margem de açude, que se articulam, à medida que a paisagem vislumbrada por ambos os domínios é a mesma, o açude de Apipucos. Outro fator responsável pela articulação desses dois grupos localizados no mesmo espaço – porém são as vagas de emprego (principalmente de empregada doméstica, jardineiro, segurança, etc) oferecidas pela classe bem aquinhoadas para a classe menos favorecida economicamente.

Os conceitos de espaço e território e a evolução histórica do bairro

Foi a partir das definições de que “o espaço é concebido como *Lócus da reprodução das relações sociais de produção*”⁴. E do território como sendo, “*fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder*”⁴ que norteamos esse

trabalho. Porém, para encaixar o bairro nessas definições, se fez e faz necessário realizar uma retrospectiva histórica sobre ele, que passou por várias mudanças significativas ao longo do tempo e desempenhou papéis importantes nas transformações da cidade do Recife.

A formação do bairro de Apipucos (palavra de origem tupi que significa caminhos que se dividem ou encruzilhada de caminhos) se deu no século XVI, mais exatamente em 1577, com o desmembramento do Engenho São Pantaleão do Monteiro que concedeu parte de suas terras ao que se tornou o engenho Apipucos, cuja história está entrelaçada com a da capital pernambucana.



Lateral da capela de Apipucos e a estrada de Apipucos, a antiga e principal via de locomoção terrestre do bairro.

Firmado como engenho, Apipucos estabelece uma relação direta com o porto do Recife, a fim de escoar a sua produção de açúcar para o exterior – entenda exterior como a metrópole, Portugal. Além de se estabelecer como um importante engenho, Apipucos torna-se também, um entreposto de rotas de várias localidades (como o engenho Camaragibe) a planície recifense e em especial ao Porto. A margem do principal rio da cidade, o Capibaribe, o engenho, estabelecia a sua ligação às outras áreas do Recife principalmente através deste rio, nos chamados batéis.



POST, Frans. Parte da casa grande e o engenho Apipucos, séc. XVII. Coleção National Gallery, Dublin. Fonte: Arquivo Público Estadual, Recife, PE.

Nessa época – séculos XVI e XVII – a paisagem desse engenho era muito semelhante a dos demais engenhos pernambucanos, compostos pelos instrumentos básicos desta fase do açúcar: a Casa-Grande, a Senzala, a Capela e a Casa de Açúcar, sem muita preocupação com a produção de subsistência destinando a sua produção para a exportação.

Invadido, em 1645, pelos holandeses, o engenho teve uma quebra na produção da cana, já que a capela, a casa-grande e todo o povoado que já estava instalado no engenho tiveram as suas mercadorias, casas, escravos e cavalos, roubados, levando o Apipucos ao abandono. Foi só em 1666, sob o comando do primogênito de Gaspar Mendonça, (primeiro dono engenho) Cristóvão Paes Mendonça que o engenho Apipucos voltou a se reerguer, porém sem o mesmo vigor de outrora, uma vez que o preço do açúcar estava em declínio no mercado internacional.

A concorrência do açúcar antilhano associado à queda do preço desse produto no mercado mundial acelerou o processo de desativação e parcelamento do engenho Apipucos, (assim como outros engenhos da época: Monteiro, Casa Forte e Santana são exemplos) passando essa área a ser valorizada para pelos seus famosos banhos do rio Capibaribe – até o hoje o rio de maior destaque da cidade - que proporcionava além do agradável banho, a cura de mazelas freqüentes da época, como a tuberculose. Dá-se então, no fim do século XVIII e início do XIX, a construção de casas, sítios, hotéis e chácaras para *passadio de férias* ou também chamado de *passatempo de férias* da população mais bem aquinhoadada do Recife, para o desfrute do banho de rio. Quem bem relata o cotidiano da época e a incorporação do rio como um hábito de lazer em Apipucos é o sociólogo pernambucano e cidadão apipuquense, Gilberto Freyre:

“Banhos de rio pela manhã, à tarde, jogo de cartas, à noite pastoris e danças – assim decorria a vida em Apipucos para a gente sinhá, nos grandes dias dos “passatempos de festas” de recifenses e de famílias vindas de casas-grandes do interior, em Apipucos: no seu hotel e nas suas casas de veraneio.”

(FREYRE, Gilberto. *Apipucos: Que há num Nome?*).

As casas localizadas na margem do Capibaribe, por vezes, adentravam-se no rio através de escadarias que penetravam nas águas do Capibaribe, (fato observado até hoje em algumas casas antigas do bairro) numa primeira forma de apropriação do espaço público (é provável que essa noção não existisse nesse período), sendo essa, feita, principalmente, pela classe oligárquica proprietária de imóveis no local.

Nessa nova vocação de Apipucos e dos seus bairros vizinhos, Casa Forte, Poço da Panela e Monteiro valorizaram e aumentaram mais ainda o seu valor imobiliário com a melhoria das estradas e do transporte, para o passadio de férias. Porém, junto às facilidades dos meios de locomoção veio também a popularização desse banho, deixando este de ser um hábito exclusivo da alta sociedade e se difundindo entre as demais camadas da população, como relata Manoel Correia:

“O uso do arralde se tornaria mais freqüente e acessível às classes menos favorecidas, depois que se desenvolveu no Recife o serviço de transportes coletivos, com as diligências a tração animal, os bondes de burro, cuja estação central se localizava no Brum, próximo ao porto, e com os trens chamados de maxambombas.”
(ANDRADE, Manoel Correia de. *Recife; problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida*)¹.

Agregado a popularização do arrabalde outro fato que também acelerou o processo de desvalorização desse como passadio de férias foi a substituição dos engenhos pelas usinas. Esse acontecimento teve papel decisivo na mudança dos hábitos de lazer da população recifense, que tendo os seus rios poluídos pela calda da cana, transpôs o seu lazer da água doce do Capibaribe para a água salgada do mar de Olinda.

“No século XIX, com o advento das usinas-de-açúcar, a água – o “elemento nobre” da velha paisagem dos engenhos do Nordeste – entrou a ser maciçamente corrompida. Ao passo que “o engenho honrou a água; não se limitou a servir-se dela”, a usina degradou principalmente os rios: o monocultor rico “faz da água dos rios um mictório. Um mictório das caldas fedorentas de suas destilarias de álcool.”
(Efeitos sociais da degradação dos rios do açúcar no Nordeste do Brasil. Rachel Caldas Lins. Estudos Nordestinos de Meio Ambiente, Org. Lucivânio Jatobá)⁸.

“Quase não há um rio no Nordeste do canavial que alguma usina de riação não tenha degradado em mictório. As casas já não dão a frente para a água dos rios: dão-lhes as costas com nojo. Dão-lhes o traseiro com desdém. As moças e os meninos já não tomam banho de rio: só banho de mar. Só os muleques e os cavalos se lavam hoje na água suja dos rios”.(Gilberto Freyre, Degradação dos rios do Nordeste).

Além da poluição da água doce, a implantação da maxambomba para Olinda veio como um componente a mais na diminuição da efervescência dos banhos cálidos de verão na várzea do Capibaribe. O passadio de férias polarizou-se nos banhos de água salgada do novo caminho dos trilhos - Olinda. Essa transferência, porém, (fim do século XIX e início do século XX) ocorreu quando Apipucos já havia consolidado um povoado, de residências permanentes, fazendo com que o agora bairro de Apipucos continuasse concentrando uma população que se impunha socialmente na cidade do Recife.

É diante desse cenário de uma população fixa que a dinâmica do bairro de Apipucos vai, mais uma vez, se modificar. Abrindo essa nova fase industrial do bairro, o responsável pelas modificações das dinâmicas espaciais será a fábrica Othon Bezerra de Melo, inaugurada em 1895. Essa fábrica, também conhecida como fábrica da Macaxeira, foi a responsável por transformações não só em Apipucos, mas sim, na cidade. Uma vez que ela assumiu um papel revolucionário e pioneiro na implantação das Vilas Operárias (seguindo os padrões europeus mais exatamente o inglês).

A implantação da primeira Vila Operária de Apipucos, Vila Regina, se deu no final dos anos trintas. E a segunda foi construída numa área alagada, aterrada aos poucos para a construção da vila, *“com traçado regular, apresentava lotes alinhados em quadras rigorosamente traçadas, voltadas para uma praça central, que separava a escola pública da igreja”.*(VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti. *De APÉ-PUC a APIPUCOS*. Ed. Bagaço)¹²

Deixando de ser um bairro operário na década de 60, devido a cheia, que atingiu a região não acidentada e alagadiça do bairro, - onde se localizava uma das três vilas construídas pela fábrica - e pela decadência da fábrica da Macaxeira. Foi somente na década seguinte que se iniciou a ocupação da margem do açude de Apipucos com o loteamento Othon Bezerra de Melo (mesmo dono da fábrica). A valorização paisagística do açude chamou ao local, mais uma vez, uma parcela favorecida econômica e politicamente para a região e que dá ao bairro hoje, o status de ter a segunda maior renda *per capita* da RPA (Região Política Administrativa) 3 (dado do SEPLAN).



Açude de Apipucos

Foto: Gustavo Maia, 1999

O bairro e a sua atual (re)valorização imobiliária

Da década de 70 até hoje, os entornos do açude de Apipucos e do próprio bairro não param de ter o valor do seu metro quadrado valorizado. Fatos que tornaram possível esse acontecimento foram a boa preservação ambiental, ou seja, da mata local que dá ainda hoje ao bairro um ar bucólico. Junto a esse se tem também a conservação de casarios do século XVI, onde está concentrada a pequena parcela de classe média do bairro.

Quanto a área de mata esta é caracterizada por ser uma ZPA (Zona de Proteção Ambiental), ou seja, não está destinada a moradia, mas veremos este caso detalhadamente a adiante. Já o largo com os casarios coloniais é caracterizado por ser uma Zona Especial de Preservação Histórico e Cultural (ZEPHC) e classificado como um Setor de Preservação Rigoroso (SPR).



Largo de Apipucos e os casarios do século XVI.

Fonte: internet

Outra área que recebe um cuidado especial é a ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) de Apipucos. Segundo a SEPLAN, as ZEIS são: áreas de assentamentos habitacionais da população de baixa renda, surgidos espontaneamente, existentes, consolidados ou propostos pelo poder público, onde haja possibilidade de consolidação fundiária.

O espaço e os territórios atuais

São exatamente os moradores que compõe essa ZEIS que vão formar o território da classe menos favorecida, mas será, porém, em conjunto com o seu vizinho de territórios que vão compor a mesma paisagem – açude de apipucos - e compactuar da mesma atitude, a privatização do espaço público. A formação desses dois grupos, instalado no mesmo espaço, só foi possível pelo *“conjunto de equipamentos, de instituições, práticas e normas, que conjuntamente movem e são movimentadas pela sociedade”* (SANTOS, Milton. *Por uma Outra Globalização do pensamento único a consciência universal.*)¹⁰ uma vez que há uma condescendência de ambas as partes e mesmo da sociedade que não se manifesta.

“A cidade enquanto construção humana, produto social, trabalho materializado, apresenta-se enquanto formas de ocupações. O modo de ocupação de um determinado lugar da cidade se dá a partir da necessidade de realizações de determinada ação, seja de produzir, consumir, habitar ou viver.” (CARLOS, Ana Fani A., *A cidade*)²

A articulação desses dois grupos não vão se estabelecer apenas pelas relações empregatícias, mas também, pela condescendência de ambos, em relação a apropriação do espaço público.

No caso da classe ‘A’ (alta), a apropriação de espaço público se dá de forma mais perceptível, com guaritas, correntes, segurança, cães de guarda e portões eletrônicos, (retirado há alguns meses) que inibem, ou melhor, impossibilitam a entrada de não moradores a esse espaço público apoderado pela elite apipuquense. Mesmo com a retirada recente do artifício de impedimento – os portões – da transição de pedestres no local, ainda é pouco freqüente, é pouco movimentada pelos pedestres as ruas entre o açude de apipucos e a avenida Norte – importante eixo escoação viário e comercial do Recife. Nas entrevistas esse pouco movimento ainda se dá em consequência do não da idéia da proibição, mas sim de que a área é habitada por “grã-finos” e por isso não deve passar.



Casas de proprietários de alto poder aquisitivo que se apropriam da margem do açude. Fonte: Maria Rita Machado. (novembro de 2004)

Quanto aos moradores de baixa renda, percebemos uma outra forma de apropriação do espaço público, a determinada pelas necessidades de sobrevivência. A construção das residências se localizam a margem do açude de Apipucos, na encosta do morro (área sujeita ao processo de erosão), numa Zona de Preservação Ambiental (ZPA). Apesar da alta densidade populacional (principalmente se comparada ao outro território tratado) gerada pela construção espontânea dessas moradias, a área dessa ZPA ainda não sofreu uma depredação acentuada, continuando essa paisagem a ter um ar bucólico que o valoriza.



A vista aérea da Casa Provincial Marista, em Apipucos. Dá uma noção da preservação ambiental do bairro. (ambos os territórios se encontram a direita da casa) Fonte: Site do colégio Marista

Como foi dito no princípio do texto, o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, porém as delimitações deste pode está apenas no imaginário e no comportamento dos que de alguma forma vivenciam a

dinâmica do território. Assim acontece no espaço de vivência da camada carente de Apipucos, que apesar de não possuir portões, grades e cães-de-guarda tem sempre olhares atentos a visitantes estranhos, numa forma de dominação e apoderação da área. Exemplificando melhor a questão territorial nesse caso, podemos pegar a citação de Marcelo José Lopes de Souza que diz que o território é “*um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a por de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo um limite, uma alteridade: a diferença entre nós e os outros*”, ou seja, há uma caracterização e uma dominação da área que foi estabelecida por e a partir de relações sociais desse grupo, que apesar de não impedir a população não local de adentrar, deixa sempre claro que ela é um membro estranho e não socializado nesse espaço de vivência.

Enquanto que os bem aquinhoados não dão a população nem ao menos a chance de conhecer, passar, transitar pelas ruas de domínio teoricamente público.



Casas de baixo poder aquisitivo as margens do açude, pode se ver ao fundo a mata e o seu estado de conservação

Com uma pequena escala de poder real dentro do seu território, já que estão numa área invadida e alvo da especulação do mercado imobiliário. Essa forma de demarcar o território pela população carente do bairro é ineficaz. Principalmente se levarmos em consideração que as cidades hoje são regidas hoje apenas por um único sujeito, o capital, que tem como principal objetivo se acumular, crescer sem dividir os ganhos e privilégios adquiridos.

Sendo o mercado imobiliário um poderoso e grande detentor do capital no Recife, podemos prever não uma completa extinção desses moradores, mas certamente uma

diminuição significativa destes no local, pois a permanência de alguns moradores dessa classe é necessária, para que eles continuem a abastecer os nobres do bairro com a sua mão-de-obra barata para os serviços domésticos, entre outros.

É também com o intuito de manter essa população sempre “calma” e condescendente aos seus interesses que os bem aquinhoados auxiliam de forma assistencialista a esses moradores com alguns serviços. O mais destacado deles é a boa manutenção e conservação do posto de saúde do bairro.

Metodologia

Foram premissas fundamentais para a solidificação e caminhar desse trabalho o levantamento e a leitura bibliográfica sobre os conceitos de espaço e território urbano. Tornando-se necessário estabelecer os conceitos de:

- a) **Espaço** é concebido como *Lócus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade.
- b) **Território** é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de Poder.

Agregada a essa leitura faz necessário também o conhecimento da história da cidade do Recife e em especial do bairro de Apipucos.

Ainda na fase de gabinete, foram feitas visitas a órgãos como a ADEMI - PE (Associação das Empresas do Mercado Imobiliário de Pernambuco), SEPLAN (Secretaria de Planejamento), FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco), FIDEM (Fundação de Desenvolvimento Municipal) e Museu da Cidade do Recife são indispensáveis para a obtenção de material iconográfico, cartográfico, dados sobre renda *per capita*, valor do metro quadrado, IPTU entre outras informações.

O trabalho de campo conta com dois momentos; o primeiro de entrevistas com os moradores e antigos moradores do bairro, - de ambas as territorialidades - afim de melhor perceber a vivência deste. O segundo consiste em apreender através de fotografias as formas de apropriação do espaço público encontradas no bairro.

Conclusão

E por fim, para não concluir, este trabalho teve prioritariamente a intenção de mostrar o espaço e os territórios existentes no bairro de Apipucos e as suas transformações históricas, porém dando uma maior ênfase as características dos dois territórios encontrados e observados atualmente.

Visitando e estudando o bairro encontramos uma problemática freqüente nos grandes centros urbanos, a apropriação do espaço público em benefício de pequenos grupos da sociedade. No bairro Apipucos foram encontrados dois territórios representativos de tal fato, se peculiarizado pelos contrastes do poder aquisitivo dos dois grupos no mesmo espaço.

Explicitando melhor o início da conclusão este artigo é apenas uma parte de um trabalho que trata da apropriação de espaço público neste bairro, não sendo portanto, tal assunto, alvo principal deste. Mas que não pode deixar de ser mencionado pelo caráter regente e dominador que exerce no bairro comandando as forças territoriais do mesmo.

REFERÊNCIAS

- ¹ANDRADE, Manoel Correia de. *Recife problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida*. Recife: UFPE, 1979.
- ²CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992.
- ³_____. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo.
- ⁴CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) *Geografia: conceitos e temas*. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- ⁵CASTRO, Josué de. *Fatores de localização da cidade do Recife um ensaio de geografia urbana*. Rio de Janeiro, 1948.
- ⁶CORREA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- ⁷COSTA, F. A. Pereira da. *Anais Pernambucano*. 2.ed. Recife: FUNDARPE.
- ⁸LUCIVÂNIO, Jatobá (org.). *Estudos nordestinos de meio ambiente*. Recife PE : FUNDAJ, Ed. Massangana, 1986.
- ⁹FREYRE, Gilberto. *Apipucos que ha num nome?* . Recife: Fundação Joaquim Nabuco : Massagana; 1983.
- ¹⁰SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização do pensamento único a consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ¹¹SETTE, Mário. *Os Azevedos do Poço*. 2.ed. - Recife: FUNDARPE, 1985.
- ¹²VERAS, Lucia Maria de Siqueira Cavalcanti. *De Ape-Puc a Apipucos numa encruzilhada, a construção e permanência de um lugar urbano*. Recife, 1996.
- ¹³VILLACA, Flavio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. 12. ed. - São Paulo: Studio Nobel : FAPESP, c1998.